

Mídia e Racismo: uma análise da abordagem e das coberturas jornalísticas do portal G1 Paraíba¹

Geovanni da Silva CARVALHO²
Marluce Pereira da SILVA³
Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, PB

RESUMO

A mídia sempre é considerada por estudiosos como uma grande ferramenta de construção de opiniões. Essa construção, no entanto, ocorre de forma generalizada, a partir da reprodução de esterótipos relacionados a certos grupos sociais, como por exemplo, como a população negra. O objetivo desse trabalho é fazer uma análise preliminar da cobertura jornalística do portal G1 Paraíba acerca de temáticas relacionadas à população negra, Metodologicamente a pesquisa foi orientada por uma perspectiva qualitativa visando à análise de matérias jornalísticas produzidas por esse portal. Ao final da pesquisa, espera-se caracterizar e apontar as principais problemáticas nas coberturas jornalísticas produzidas pelo portal.

PALAVRAS-CHAVE: Portal G1; Mídia; Racismo; Cobertura Jornalística; Étnico-Racial.

INTRODUÇÃO

Mundialmente, a mídia e todo o sistema de comunicação existente, sobretudo o mercado jornalístico, possui papel social fundamental com capacidade para enfrentar e combater o racismo em suas mais variadas manifestações, com o propósito de buscar intensificar o debate com ações efetivas de promoção da igualdade étnico-racial. Isso porque o jornalismo consegue se inserir em todos os âmbitos da esfera pública, estando presente dentro de grandes organizações institucionais até espaços públicos, como as praças e vias (SILVA, 2006). No entanto, na prática, o cenário em que se retrata a população negra em artefatos mídiáticos acontece de forma controversa. Historicamente,

¹ Trabalho apresentado na IJ 01 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, email: geovanni.carvalho@academico.ufpb.br.

³ Orientadora do Trabalho. Professora Titular do Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, email: marluce.pereira@academico.ufpb.br.

a população negra é representada de forma estereotipada no meio midiático, quase sempre com perfis e notícias relacionadas ao aumento de crime, à marginalização, à fome, entre outras mazelas que afetam à sociedade, esses eventos sofrem um apagamento, e tem seus anseios silenciados pelos meios de comunicação.

Daí em diante, os veículos jornalísticos passam a ser utilizados somente como palco para pautas e temas relacionados à população branca, dando continuidade na reprodução de um comportamento midiático de um passado que não passou, uma vez que, inseridos em uma sociedade regida por paradigmas brancos, ter a pele branca continua sendo um marcador de uma superioridade irreal e longe da realidade real (SODRÉ apud COSTA: 2012; 56). Vale aqui ressaltar que, esse histórico de silenciamento e apagamento da população negra dentro dos portais jornalísticos não é de hoje, e decorre também de um processo de esquecimento e negligenciamento histórico-social desses sujeitos, que estão relacionados diretamente à reprodução e à perpetuação dos racismos institucional e estrutural, que por sua vez, podem ser compreendidos como um comportamento não individual, e portanto, tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere desvantagens e privilégios com base na raça, e portanto, são estruturantes das relações sociais e de poder no Brasil (ALMEIDA, 2019).

É necessário compreender ainda que quando falamos em racismo estrutural e institucional, falamos de ambos os conceitos enquanto resultado de uma sociedade construída pelas mãos do trabalho escravo, traduzido em mais de 300 anos de escravização de negros vindos do continente africano, transportados e postos em venda como mercadoria barata, assim como cantava Elza Soares na canção “A Carne”, fazendo alusão aos tempos de escravidão. Nesse sentido, o Estado brasileiro se construiu a partir de um olhar racista sobre seus próprios costumes e cultura, em decorrência de um passado escravista colonial que reverbera até os dias de hoje.

Arelado aos conceitos de racismo estrutural e institucional e os seus impactos no pensamento contemporâneo e no comportamento prático dos sujeitos brasileiros, a população negra brasileira vive ainda sob o ideal de uma “democracia racial”, fundamentada pelo antropólogo Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-grande & Senzala* (1933), na qual o autor mesmo de forma implícita, retrata a convivência entre brancos e negros de forma harmoniosa, havendo assim uma “democracia racial” nas relações entre

senhores e escravos no período colonial. Em sua obra, o antropólogo justifica ainda essa relação de harmonia do ponto de vista da miscigenação, e a caracteriza como um marcador para pensar-se uma relação democrática entre senhores e escravos, apesar da relação de escravidão entre ambos (FREYRE, 1933).

Em contrapartida a esse pensamento, o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1964), afirma que o ideal de democracia racial brasileira nada mais é do que um mito, e coloca ainda que a sociedade brasileira cultiva mecanismos discretos e inconscientes de manutenção das desigualdades (FERNANDES, 1964). Mais tarde, fundamentado pela afirmação de Florestan Fernandes, Clóvis Moura (1977) reafirma que a mitologia da democracia racial pode ser caracterizada como mecanismo que impede o negro brasileiro de fazer enfrentamento ao racismo, encobrindo a realidade racial e racista no Brasil (MOURA, 1977).

MÍDIA E RACISMO: ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA DO PORTAL G1 PARAÍBA

A partir dessa contextualização, foi estabelecido o seguinte questionamento para provocar a análise: “As coberturas jornalísticas do portal G1 Paraíba fogem dos estereótipos da população negra e abordam de forma aprofundada as problemáticas étnico-raciais ou as reforçam?”. Com base no questionamento levantado e de leituras e pesquisas sobre o tema, foram estabelecidas outros questionamentos: (a) Os casos ligados a pautas étnico-raciais que acontecem na Paraíba são noticiados e evidenciados pela mídia paraibana, sobretudo pelo portal G1/PB? (b) Os casos noticiados pelo portal, em sua maioria, são tratados de forma aprofundada com grande aporte político e ideológico? e (c) o veículo selecionado não reforça em suas produções os estereótipos relacionados à população negra?

Para discutir e problematizar essas questões, o presente trabalho adota metodologicamente uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativista e se definiu como *corpus* seis matérias jornalísticas produzidas pelo portal, buscando a compreensão sobre as formas de fazer cobertura jornalística do G1/PB ligadas a pautas raciais. A pesquisa então foi dividida em dois momentos: o primeiro diz respeito a seleção de matérias jornalísticas que tragam à tona temas atrelados às questões raciais, e o segundo

momento diz respeito à análise desse material coletado para descrição da forma em que são produzidos e como as problemáticas são tratadas no veículo midiático.

Traçada a metodologia, o objetivo principal desse trabalho é, portanto, compreender as formas em que o portal G1/PB produz coberturas jornalísticas atreladas as pautas étnico-raciais, observando como são evidenciados, sentidos e alicerçados na sociedade brasileira. Em seguida foram traçados ainda alguns objetivos específicos que serão apresentados, afim de facilitar a compreensão da pesquisa: (a) reunir um conjunto de matérias jornalísticas que abordem temáticas étnico-raciais; (b) analisar as produções do ponto de vista político-ideológico de como as temáticas são tratadas ao longo de sua produção; e (c) descrever como esse veículo midiático faz a apuração jornalística de pautas étnico-raciais.

Sabemos que, em uma conjuntura internacional, as empresas jornalísticas sempre produziram e reproduziram conteúdos diretamente ligados a organizações brancas, fossem elas o estado, a polícia ou o parlamento, mas, nunca produziram em grande escala conteúdos que dizem respeito às populações minoritárias, sobretudo a população negra. Observa-se, no entanto, em alguns veículos de comunicação que, muitas vezes, ainda que os anseios da população negra sejam levados a público pela grande mídia comercial, essas são sempre descritas de maneira estereotipada, levantando preconceitos e reforçando as discriminações, a exemplo, a mídia sempre retrata a população preta, pobre e periférica associando-a à criminalidade, à fome, ao genocídio, entre uma outra série de problemáticas vividas cotidianamente por essa população.

Esse tratamento de forma estereotipada barra os avanços para uma melhor cobertura jornalística reflète ainda nos jornais locais espalhados por todo o país, uma vez que reproduzem as normas de ética profissionais de toda a empresa de comunicação, e, além disso, todo o sistema midiático brasileiro que está concentrado nas mãos de poucos grupos faz com que a prática chegue até as suas bases. Como exemplo e ferramenta de estudo para desenvolvimento desse trabalho, tem-se o portal G1/PB, que se constitui uma referência para a população, em especial da Paraíba, considerado como um dos principais veículos de notícias.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, no processo de busca pelas produções jornalísticas, nota-se então o pouco contingente de matérias produzidas pelo veículo G1/PB que abordam pautas raciais e seus desdobramentos, e expõe mais uma vez o

silenciamento dessa população na mídia brasileira, em que há certa naturalização da presença preponderante e desproporcional de pautas ligadas à branquitude, reafirmando que esses lugares de visibilidade são negados a pautas e pessoas de outros grupos raciais, principalmente, pessoas negras (CORRÊA E BERNARDES, 2019).

Vale ressaltar ainda que, mesmo nas matérias jornalísticas produzidas pelo portal que retratam casos de racismo no estado, é notório que o veículo aborda ainda de forma rasa e superficial as questões raciais e descreve somente o factual, colocando de lado o revisionismo histórico-social para embasar teoricamente a matéria, e trata as situações apenas como casos isolados, escondendo, por exemplo, o comportamento estrutural do racismo.

Além disso, nota-se também a reprodução de discursos estereotipados e tendenciosos para os que acompanham pelo outro lado da tela, mesmo que, em alguns casos, apontem questões relevantes para a compreensão da estrutura racial e do racismo presente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessa análise, percebe-se que o portal objeto de análise além de não produzir um grande contingente de matérias que estejam relacionadas à população negra, para além de produções de denúncias de casos de racismo e injúria racial, não se tem o aprofundamento dos debates e busca pela diversificação de fontes, e o debate fica restrito somente ao profissional responsável por escrever a matéria, a vítima e as autoridades. Com isso, é nítida a necessidade de que a mídia paraibana, em especial o portal G1/PB, se comprometa com uma cobertura jornalística mais atenta e efetiva sobre questões raciais, e que seja, acima de tudo, produzida por jornalistas que possuem uma compreensão mais ampla sobre o que é o racismo e o seu impacto na sociedade.

Vale destacar que, mesmo quando a intenção não é manifestar o racismo, a falta de representatividade racial no âmbito do jornalismo e dos meios de comunicação podem ser uma forma violenta de discriminação. É importante lembrar que a mídia tem um papel fundamental na difusão de ideias e representações. Por isso, é fundamental que os veículos de comunicação não só evitem a divulgação de expressões racistas, como também promovam o ressoar da pluralidade de vozes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cíntia Gonçalves. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro. 63f. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/6492>. Acesso em 24 abr. 2023.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** Coleção Feminismos Plurais – Djamila Ribeiro. Editora Polén Livros. ISBN: 978-85-98349-91-6. São Paulo: Sueli Carneiro. 232p.

CORRÊA, Laura Guimarães; BERNARDES, Mayra. **“Quem tem um não tem nenhum”:** solidão e sub-representação de pessoas negras na mídia brasileira. In: CORRÊA, Laura Guimarães (Org.). *Vozes negras em comunicação: mídias, racismos, resistências.* Editora Autêntica. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2019.

COSTA, Kátia Regina Rebello da. **De quando a pluralidade revela a invisibilidade.** In: BORGES, Roberto; BORGES, Rosane (Orgs.). *Mídia e racismo.* ISBN 978-85-61593-52-0. Petrópolis: DP et Alii Editora Ltda. Brasília – DF. 248p. 2012. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/roberto-carlos-da-silva-borges-e-rosane-borges-orgs-mc3addia-e-racismo.pdf>. Acesso em 25 abr. 2023.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes:** o legado da raça branca. ISBN: 978-85-250-4566-9. Editora FFCL/USP, São Paulo. 1964.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala.** Fundação Gilberto Freyre. Global Editora. Pernambuco. 48º ed. 375p. 2003.

LOPES, Fernanda Tainara Macedo. **Jornalismo e Racismo Estrutural:** uma análise da cobertura de casos de violência policial pelo portal G1 (GLOBO). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte. 97f. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50338>. Acesso em 27 abr. 2023.

MOURA, Clóvis. **O negro:** de bom escravo a mau cidadão. São Paulo: Editora Conquista. 1977.

OLIVEIRA, Dandara. **Raça e Gênero no Brasil do século XXI:** como a mídia (in)forma essa discussão. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugueses) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro. 73f. 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18361/1/Doliveira.pdf>. Acesso em 26 abr. 2023.

PINTO, Beatriz da Silva. **Direito ao esquecimento:** uma análise a partir do genocídio da população negra. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 82f. 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250948>. Acesso em 29 abr. 2023.

REIS, Ana Cristina dos; BATISTA, Cicélia Pincer. Cobertura Midiática em caso de violência contra negros. ISSN 2358-2138. Seminário de Iniciação Científica ESPM, São Paulo. 2017. Disponível em: <https://acervo-digital.espm.br/Semin%C3%A1rio%20Inicia%C3%A7%C3%A3o%20Cient%C3%ADfica%20ESPM/2017/379373.pdf>. Acesso em 26 abr. 2023.

ROCHA, Harrison. **Racismo e Mídia.** Dossiê Cidadania, Direitos Humanos e Políticas Públicas, Universitas Humanas – UniCEUB. ISSN 2175-7488, v. 8, n. 1, p. 53-82. Brasília, Distrito Federal. 30f. 2011. DOI: <https://doi.org/10.5102/univhum.v8i1.1392>. Acesso em 29 abr. 2023.

SILVA, Luiz Martins da. **Jornalismo, Espaço Público e Esfera Pública, Hoje.** Comunicação e Espaço público, Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, n. 1, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12300>. Acesso em: 25 abr. 2023.